

## Carácter Cristão – formação CNE

Talvez já tenhas ouvido que não fomos salvos apenas do pecado, mas para um novo propósito. Mas o que é que isso significa? Que a vida do cristão, com as suas particularidades individuais, é para ser entendida e moldada à luz do objetivo final, a vida eterna.

Às vezes pensamos na nossa existência em três tempos: (1) passado: mortos em pecados, (2) presente: vivos mas ainda um bocadinho mortos, (3) futuro: vida eterna, uma vida a sério. Mas se já morremos e ressuscitarmos com Cristo já não temos vida a sério? A vida que não acaba? Sim! A nossa vida presente está mais perto da vida eterna do que da morte em pecados. Então se calhar não vivemos a três tempos, mas a dois: (1) passado: mortos em pecados (2) presente e futuro: vivos numa vida que nunca mais acaba, que é eterna. Se assim for, a vida que vivemos hoje é para ser encarada com a seriedade da eternidade.

*“O evangelho não traz e não confina a escatologia para uma religião temporal mas sim eleva a religião temporal ao plano da eternidade” Geerhardus Vos<sup>1</sup>*



Vida

Mais vida

Quando lemos acerca do fruto do Espírito em Gálatas 5, lemos uma descrição daquilo que são as virtudes do cristão que vive no plano da eternidade (22). Já não vivemos como antes (19), já não vivemos como os demais – isso foi crucificado (24), foi morto, isso acabou! Agora vivemos a vida a sério, a vida eterna, num plano diferente.

Isso tem de ter implicações visíveis. Não podemos estar a produzir um fruto que é composto por amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, modéstia e autodomínio e ser um clone de todos os outros à nossa volta. Não podemos estar vivos, mas a fazer as mesmas coisas que os mortos.

Amamos a Deus acima de todas as coisas e amamos o próximo como a nós mesmos. É uma visão diferente do amor dos mortos – não amamos o nosso ego, a nossa imagem, o nosso lazer, as nossas experiências, os nossos objetivos. Se os nossos sonhos e objetivos são iguais aos dos nossos colegas, alguma coisa está errada. Nós não ansiamos pelas coisas passageiras, mas pelas que permanecem, pelas que duram para sempre. Não vivemos para as notas; não vivemos para o estatuto; não vivemos para o nosso curso de sonho; não vivemos para conhecer a Europa e o mundo e sermos cultos.

Toda a nossa vida tem de ser pensada, dia a dia, à luz da eternidade: como é que se parece o amor nos novos céus e nova terra? Como é que se parece a alegria? A paz? Como é que à luz dessa realidade eterna, posso treinar essas virtudes nas coisas pequenas do dia a dia? Como é que posso moldar a minha mente, o meu uso do tempo, do dinheiro, da vida ao plano da eternidade?

Não posso dizer que anseio a eternidade e ao mesmo tempo impedir a eternidade de influenciar a minha vida. Só há uma vida verdadeira, a vida com Cristo e ela é eterna. Nós já somos quem seremos. Então temos de começar a viver como viveremos.

*“O que é que os novos céus e a nova terra pela qual ansiamos têm a ver com as minhas lutas morais aqui e agora? Exatamente isto: o amor não é o nosso dever, é o nosso destino. O amor é a língua que eles falam na nova criação e nós podemos aprendê-la aqui! É difícil! Há imensos verbos irregulares. Mas aprende-a e um dia vais ser capaz de cantar nela.”*

Tom Wright<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Vos, G. (1912). *The Eschatological Aspect of the Pauline Conception of the Holy Spirit*.

<sup>2</sup>Wright T. (2010). *Virtue Reborn*.